

fachadas das casas do Porto e arredores.

Quer dizer: não há notícia nem de terem ido nem de terem regressado, muito embora via Cabo Verde a literatura da identidade brasileira tenha chegado aos Açores e deixado marcas. De qualquer modo haveria que explicar a Angra desenhada pelo holandês Linschoten na última década do século dezasseis, que já retrata a cidade com a cara chapadinha que tem hoje.

Assim sendo, a exportação só poderia ter ocorrido a partir de Angra.

Enigma. Mistério mesmo.

Quantas vezes nas aulas, com alunos brasileiros ou americanos perdidos de amor pelo Brasil, fiz um teste mostrando-lhes fotos de ruas de Angra dizendo-lhes serem de Ouro Preto.

E todos sempre acreditaram piamente.

Muitos anos depois, apercebi-me de que o terceirense Vitorino Nemésio, natural da dita ilha Terceira, seu exímio conhecedor e cantador das suas maravilhas, mas também um apaixonado do Brasil, escrevera um livro, *O Segredo de Ouro Preto e Outros Caminhos* (1954).

Fui em cata dele e devorei-lhe as páginas convencido de que, na sua arguta prosa, o visitante terceirense me desvendaria o segredo, pois teria certamente identificado as afinidades que me assaltaram a vista.

Como já calculava, deparei com deliciosas tiradas nemesianas sobre Ouro Preto: “a mais viva entre todas as cidades mortas do mundo”, “cidade encantada”; “o tempo aqui parou”, “é puro século XVIII no material da pedra e das pessoas”. [...] “[U]ma cidade íntegra morta”, “o patetismo icónico do barroco luso-brasileiro no seu frenesim colonial”, “céus de pérola ornados de água-marinha”, [...] “aquela maneira de construir com janelas esquadriadas e oblongas, de florões rococó, vidros multicolores nas marquises e ferro fundido nas varandas”.

Mas nada sobre as semelhanças com as fachadas da sua Angra do Heroísmo. Só em Sabará, ao descrever uma igreja da Senhora do Ó, Nemésio estabelece uma ligação com a arquitetura da sua amada ilha: “Se não fosse a presença dos colegas e amigos mineiros que me trouxeram aqui, supunha-me diante de qualquer capela-mor portuguesa: na capela do Santíssimo da minha Matriz, por exemplo. Na Praia da Vitória; nem mais... Espantoso prodígio da unidade de crença e de arte à distância”.

Ficarei para sempre a cozer tal mistério que cobre estas cidades gémeas, acrescidas desse outro adicional de Nemésio não ter registado tal afinida-



Ouro Preto



Angra do Heroísmo

de genética, ele a quem nenhum por menor escapava.

Quedo-me por aqui nesta digressão sem rumo e sem fecho assente, mas não sem tergiversar ainda para uma curiosidade inteiramente colateral.

A dada altura do seu relato, Nemésio conta: “Enquanto António Joaquim de Almeida gentilmente me conduz através dos seus domínios, surpreendendo o riso saudável, desvanecido, de

alguém que, apoiado a um bufete, religiosamente o escuta. Dentes angolares, riso límpido ... Claro! É o porteiro do Museu, Onésimo dos Santos – músico, alfaiate e pintor – que todo vibra aos prodígios de um ouro que foi suor dos seus maiores”.

O parágrafo não explica nada, pois claro, todavia isso de um meu homónimo também estranhamente habitar Ouro Preto não deixa de ser curioso.

Se calhar um dia, tal como aconteceu com o castelo de Cartagena de Índias, um acaso me brindará com uma resposta para esta misteriosa incógnita da arquitetura de Vila Rica, de onde tão ricas memórias trouxe comigo.

Até lá, continuarei a conformar-me com as imagens fotográficas que partilho aqui, esperando que o leitor não suspeite ter eu entrado em fase de delírio mental.



Ouro Preto



Angra do Heroísmo